



DOI: 10.14295/idonline.v19i76.4193

Artigo

**Entre Voltas, Reviravoltas e Rodas de Leitura:
Caminhos Possíveis para o Ensino de Literatura Infanto-Juvenil na Escola**

Sidney da Silva Chaves¹

Resumo: Este artigo objetiva principalmente examinar as contribuições que as rodas de leitura podem proporcionar para o estímulo à leitura de obras infanto-juvenis na Educação Básica. Tal esforço investigativo emanou da percepção problemática de que há um progressivo desinteresse pela prática milenar de rodas de leitura nas escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental, principalmente, frente à massiva inserção de tecnologia no cotidiano dos estudantes. Assim, esta pesquisa justifica-se, pois, há uma clara necessidade de se ressignificar a utilização das rodas de leitura em contextos de educação mediados e permeados por tecnologias. Com isso, através de uma pesquisa de natureza bibliográfica, recorre a diferentes teorias que se preocupam com esse migrar de interesse e propõem alternativas para a manutenção do estímulo da leitura nas escolas. Os resultados, por fim, indicaram que ler livros, fruir a imaginação por meio de histórias diversas e trocar percepções entre os pares são ações que não ficaram de lado ou foram esquecidas frente ao ressignificado contexto social mediado por tecnologias, mas que precisam apenas considerar formas alternativas e mediadas de ler a fim de continuar tornando a leitura um caminho atrativo e significativo para a juventude atual.

Palavras-chave: Educação Básica. Literatura Infanto-Juvenil. Rodas de Leitura. Tecnologia.

**Between Twists, Turns and Reading Circles: Possible Paths for Teaching
Children's and Young Adult Literature at School**

Abstract: This article aims to examine the contributions that reading circles can provide to encourage the reading of children's and young adult works in Basic Education. This research effort arose from the problematic perception that there is a progressive lack of interest in the ancient practice of reading circles in secondary schools, especially in light of the massive insertion of technology in students' daily lives. Thus, this research is justified, since there is a clear need to redefine the use of reading circles in educational contexts mediated and permeated by technology. Thus, through bibliographic research, it uses different theories that deal with this shift in interest and proposes alternatives for maintaining the stimulus of reading in schools. The results, finally, indicated that reading books, enjoying the imagination through different stories and exchanging perceptions among peers are actions that have not

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar-PR) e em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat-MT); Mestre em Ciências da Educação; especialista em Língua Portuguesa (Unemat); Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá (SP) e Especialista em História de Mato Grosso pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT-MT); Doutorando em Ciências da Educação – Unades (PY) Professor efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso (Seduc). Professor Formador de Língua Portuguesa na Diretoria Regional de Educação-DRE/COFOR. Leciona Língua Portuguesa na União da Faculdades de Alta Floresta-UNIFLOR. E-mail: sidneydasilvachaves@gmail.com.

been left aside or forgotten in the face of the reinterpreted social context mediated by technologies, but that they only need to consider alternative and mediated ways of reading in order to continue making reading an attractive and meaningful path for today's youth.

Keywords: Basic Education. Children's and Young Adult Literature. Reading Circles. Technology.

Introdução

A literatura infantil e juvenil (LIJ) no Brasil, experimentou um crescimento e uma transformação significativos no século XXI. Essa evolução é uma continuidade do que ocorreu nos anos 90 do século passado, quando houve uma ampliação da sua presença nos horizontes de leitura, impulsionada por sua intensa influência e intervenção no cânone literário, ao se desvincular de uma abordagem utilitária (Dornelles, 2015). Ficou evidente nas propostas de autores, ilustradores e leitores, assim como nas ações das instituições que formulam políticas públicas sobre cultura e educação, o questionamento das tradições leitoras e a reflexão sobre o papel social da literatura. Logo, o mercado desempenhou um papel ativo, mediando tanto a produção quanto a recepção de obras, e facilitando a formação de novos nichos de leitores alinhados aos interesses editoriais. O diálogo entre tradição e inovação se expandiu em diversas direções na criação de obras, o que, sem dúvida, favoreceu o surgimento de discursos críticos que se inscreveram nesse novo horizonte (Costa et al., 2022).

Mais adiante, no campo educacional, as tecnologias passaram a constituir uma ferramenta essencial para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Seu uso nas escolas tornou-se uma possível solução para problemas sociais e educacionais. Além disso, possibilitou aos alunos romperem as barreiras do espaço e do tempo, trocando conhecimentos com e para o resto do mundo. As vantagens geradas pelas tecnologias como potencializadoras do processo de ensino-aprendizagem da literatura são extensas. Eles causam um efeito emocional nos alunos, promovem a aprendizagem participativa, colaborativa e interativa (Cózar, et al., 2015) e até geram que o aluno alcance um papel mais ativo no desenvolvimento de seus conhecimentos e personalidade de acordo com as exigências da sociedade atual.

Além disso, através da representação artística com palavras, imagens e sons de acontecimentos, os alunos devem ser influenciados para levar à evolução crítica do seu próprio comportamento (Klineberg, 1978). Além disso, à medida que o aluno interage com a leitura, apoiado nas tecnologias, ele precisa desenvolver habilidades para analisar, sintetizar, aplicar e

valorizar os conhecimentos que está adquirindo. Paralelamente, das rodas de leitura ou círculos literários são ideais para desencadear a leitura de fruição participativa, pois proporcionam muitas vantagens. Por exemplo, a aquisição de novo vocabulário, a internalização de novas estruturas gramaticais, a identificação de ideias principais, bem como o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico através do uso de inferências, analogias ou reformulações (Haerazi; Irawan, 2020).

Por outro lado, existem dispositivos tecnológicos que fornecem diversas ferramentas para melhorar essas habilidades de leitura (Vásquez; Montoya, 2017). Na verdade, com a implementação da tecnologia nos processos de ensino/aprendizagem voltados para a literatura, a leitura transformou-se, convertendo textos tradicionais em textos digitais mais interativos e de fácil acesso, nos quais as informações estão interligadas (Bui; Macalister, 2021).

Contudo, esse processo requer o uso de estratégias, técnicas e ferramentas ou recursos tecnológicos que facilitem a criação de ambientes educacionais adequados para trabalhar de forma prática e significativa (Celik, 2017). Um exemplo são as rodas de leitura, estratégias de leitura que promovem a praticidade do trabalho colaborativo, a acessibilidade à comunicação e às informações alojadas em plataformas, softwares e redes sociais (Villafuerte et al., 2017).

Com isso em tela, este estudo objetiva principalmente examinar as contribuições que as rodas de leitura podem proporcionar para o estímulo à leitura de obras infanto-juvenis na Educação Básica.

Estudos sobre Literatura Infanto-Juvenil e Tecnologia

As pesquisas realizadas na plataforma de dados *Google Acadêmico* que relacionam a literatura infanto-juvenil com a tecnologia geralmente resultam em uma série de estudos que, em termos gerais, giram em torno de quatro eixos: 1) preocupação com a incorporação das TIC no ensino de literatura, bem como interesse pela efeitos dessas tecnologias na constituição de subjetividades; 2) a produção digital de textos (que também tem aspecto didático); 3) os meios nos quais os textos literários em formato papel circulam ou se combinam com recursos digitais; e 4) a “competição” entre a cultura dos livros e dos formatos de papel, por um lado, e a cultura das redes sociais e dos meios eletrônicos, por outro.

Esta produção é abundante e não só evidencia o interesse acadêmico pelas transformações culturais na leitura, na escrita e na educação, mas sobretudo torna visíveis as

mudanças nos “gestos, comportamentos, práticas e lugares” culturais dos nossos tempos. No campo educacional, especialmente, o lugar atribuído às tecnologias nas práticas pedagógicas é preocupante. Caetano (2015) aponta que, embora, durante várias décadas, o sistema escolar tenha sido questionado, a educação em mediada por tecnologia surge como um horizonte que vincula a promessa de liberdade, o protagonismo do aluno, a utilidade do conhecimento e a capacidade dos algoritmos de ajustar os conteúdos à medição de cada utilizador.

Em um estudo publicado em 2020, Santos apresenta uma pesquisa sobre a subjetividade infantil e juvenil no contexto pós-moderno, à luz das lógicas dos discursos dos meios de comunicação de massa, do consumo e do mercado, do foco na criança como sujeito de direito e tecnologia. Afirma em seu estudo, de modo geral, que compreender a subjetividade das crianças e jovens implica compreender um campo de tensões, no qual discursos, práticas, instituições, disciplinas e conhecimentos lutam para legitimar formas de definir a realidade social e os processos de subjetividade num quadro histórico e social.

Da mesma forma, envolve reconhecer as novas subjetividades emergentes, atravessadas pelos discursos dos meios de comunicação de massa, pelo mercado e pelo consumo, pelas tecnologias, pela tecnologia da informação. Implica descobrir novas formas de habitar o corpo, de se compreender e de se relacionar com os outros, num determinado tempo e espaço (Santos, 2020).

Com efeito, as representações sociais da infância e da adolescência hoje são fortemente marcadas pela tecnificação da vida. Segundo Almeida e Cunha (2003), elas afetam até o núcleo figurativo das representações: a exposição à morte e ao sexo na mídia - e nas redes sociais -, bem como a capacidade de manipular controles, telefones e outros dispositivos eletrônicos, questionariam e reconfigurariam representações da infância e da juventude em relação a aspectos da vida antes reservados ao grupo de adultos. Em linha com o alerta de Santos (2020), este questionamento implica um conflito com outras representações do século XX que, apesar das transformações nas sociedades do século XXI, mantêm a sua validade.

Desta forma, dá conta da complexidade do presente e reconhece os desafios políticos e epistemológicos das formas de comunicar e educar que têm sido desenvolvidas com a mediação tecnológica. Mas, sobretudo, destaca-se como um campo transdisciplinar em que se confluem tecnologias, educação e ensino de literatura. Assim, a educomunicação incorpora em seu campo as novas formas de escrita e leitura que surgem com as narrativas digitais hipermídia e

transmídia e com novas formas de interação sem limitações espaço-temporais ou restrições aos papéis dos participantes (Santaella, 2016).

A conversão de *blogs* em livros, por exemplo, ou a escrita colaborativa online são fenômenos culturais que implicam não apenas novas formas de escrever, mas também novas formas de compreender a literatura e de pensar sobre a tarefa do escritor. Esta linha de pesquisa inclui atualmente a intervenção parcial ou total da inteligência artificial na composição de obras literárias. Os recursos do *chatbox* e outros sistemas de inteligência artificial não são atualmente utilizados apenas para produzir textos acadêmicos, obras de artes visuais e também obras de literatura, mas o reconhecimento de sua coautoria é uma questão de debate filosófico e jurídico.

No que diz respeito à literatura infantil e juvenil, os estudos desenvolvidos por Teresa Colomer e o seu grupo de investigação na Universidade de Barcelona já são amplamente conhecidos e particularmente considerados para este trabalho, inicialmente centrado na vertente didática da Literatura Infantil e Juvenil (LIJ). Posteriormente, a investigação deste grupo incorpora a reflexão sobre a contribuição da tecnologia para a transmissão literária e tem analisado em particular a produção digital de textos. Trabalhos nesta direção valorizam positivamente a intersecção da comunicação literária com a comunicação digital, e destacam o potencial que a nova literatura digital tem para a formação de leitores devido à sua natureza heterogênea que os relaciona diretamente com formas de cultura tão díspares como a literatura, ilustração, música, videogames. Por outro lado, chamam a atenção para a importância do exercício de seleção e mediação institucional e educacional diante desta nova realidade literária, que implica variações construtivas profundas e complexas (Travancas, 2020).

Outros autores, como Carvalho et al. (2021), refletiram extensivamente sobre a relação entre literatura e tecnologia, especialmente informática ou tecnologia digital. Além disso, investiga a distinção entre literatura digital e literatura convencional que é tratada e comunicada pelos meios digitais, levando em consideração a produção e interpretação de obras literárias, bem como a mediação que as aproxima de seus leitores. As novas tecnologias não só auxiliam novas formas de criação literária, mas também contribuem para a comunicação da literatura existente anterior a estas tecnologias, suscitando, em linha com o que foi referido acima, a necessidade de uma nova reflexão sobre as funções da mediação literária - seja em casos de edição, crítica, comentário, transmissão - à luz do impacto desta tecnologia sobre ela.

Também vale destacar a contribuição de Michele Petit (2019) e sua perspectiva antropológica, focada no valor humano da literatura, que constitui um antecedente relevante

para as questões sobre a literatura e os efeitos performativos da cultura digital. Por fim, vale ressaltar que os desenvolvimentos teóricos sobre a tecnologia como tema literário costumam limitar-se ao gênero de ficção científica, que transmite uma imagem de tecnociência que muda de acordo com os acontecimentos históricos e que evolui dentro do próprio gênero. Neste território, circulam ideias sobre ciência, libertas de constrangimentos acadêmicos, e ao mesmo tempo, a especulação sociológica ou filosófica também se enquadra nas suas fronteiras.

No entanto, Gimenes (2018) observa que o fenômeno da presença que a internet e as novas tecnologias em geral deixam na literatura impressa não é abundante. Seu estudo aborda, por um lado, a adoção de formatos e termos extraídos do ciberespaço no romance impresso. Por outro lado, a inclusão nos seus argumentos dos modos de vida contemporâneos: a globalização e democratização da cultura através da internet, da comunicação eletrônica ou do uso diário e obsessivo dos celulares, das redes sociais, da televisão, do poder e da tirania que a publicidade exerce nas nossas vidas diárias.

As Rodas de Leitura

A competência literária está intimamente ligada à leitura, portanto a leitura é a atividade básica para a construção da competência literária (Cerrillo, 2010). Nesse sentido, ler significa compreender, interpretar e avaliar a própria mensagem, mas o processo de leitura culmina na interpretação e na ação de avaliar. Desta forma, desenvolver a competência literária é uma atividade complexa porque requer necessariamente a compreensão, integração e interpretação dos componentes do discurso literário. Formar e desenvolver competência literária significará, portanto, saber formar leitores que, de forma autônoma, desfrutem dos textos para estabelecer avaliações e interpretações (Cantero; Mendoza, 2003). Uma atividade que pode ajudar a melhorar o desenvolvimento da competência literária são as rodas de leitura ou círculos literários.

A investigação internacional tem vindo a evidenciar as enormes possibilidades que as rodas de leitura ou círculos literários oferecem, nas suas múltiplas formas, para melhorar o gosto pela leitura e fortalecer o hábito de leitura (McMahon, 1992; Goatley, Brock; Raphael, 1995; Johnsson-Smaragdi; Jönsson, 2006). Isto é conseguido porque a leitura transcende o consumo particular de livros na esfera privada para se tornar também um processo

intersubjetivo de diálogo que permite apropriar-se melhor dos textos e aprofundar-se nas suas interpretações (Atwell, 2007; Mckool, 2007; Barone, 2011).

As rodas de leitura ou círculos literários, nas suas diversas manifestações, têm conseguido dinamizar as bibliotecas e promover o gosto pelos livros em pessoas de diferentes origens, por vezes até levando a ler pessoas que não tinham um hábito de leitura desenvolvido (kong; Fitch, 2003). Também têm conseguido a fruição literária de muitas pessoas nos seus momentos de lazer, promovendo a diversão com histórias reais ou fictícias, desenvolvendo a compreensão e a reflexão aprofundada sobre os temas abordados e gerando os seus próprios critérios literários (Beach; Steven, 2011).

Da mesma forma, manter processos de diálogo, discussão e argumentação de opiniões em torno das obras intensifica a compreensão leitora individual e em grupo e estimula o gosto pela leitura e pelos livros (Gritter, 2011; Reed; Vaughn, 2012). Embora a pesquisa sobre clubes do livro no cenário internacional seja extensa, a realizada em rodas de leitura ou círculos literários escolar é menor (Kong; Fitch, 2003; Johnsson-Smaragdi; Jönsson, 2006; Barone, 2011; Gritter, 2011; Oszakiewski; Spelman, 2011; Reed; Vaughn, 2012; Gardiner; Cumming-Potvin; Hesterman, 2013) e no caso específico do Brasil, ainda é incipiente (Garcia, 2012; Jacobik, 2011; Corrêa; Mendonça; Pedro, 2013; Benites, 2004).

Tanto a nível nacional como internacional, as rodas de leitura ou círculos literários desenvolvidos nas diferentes escolas caracterizam-se pela sua enorme diversidade: idade(s) a que se destinam, participação ou não das famílias, seleção de obras, horários de encontro etc. Dependendo dos objetivos do projeto, da formação dos mediadores, do envolvimento dos professores, do interesse da escola etc. Existem muitas possibilidades. Em qualquer caso, nas rodas de leitura ou círculos literários escolar o processo costuma ser o seguinte: seleciona-se um livro, determina-se um horário para sua leitura e marca-se uma reunião para discussão do trabalho. Nesses encontros, costumam ser abordados trechos marcantes do livro, questionados os comportamentos dos protagonistas, discutidas experiências pessoais, oferecidos pensamentos e reflexões etc. (Álvarez; Gutiérrez, 2013). De qualquer forma, as rodas de leitura ou círculos literários analisados a partir da pesquisa apresentam resultados muito positivos que sugerem que esta prática pode ser bastante relevante no desenvolvimento e aprimoramento da competência literária.

O estudo de Oszakiewski e Spelman (2011) constatou que jovens leitores que falam sobre seus livros e preferências tornam-se cada vez mais competentes e podem participar de

sessões para discutir livros, falar sobre seus sentimentos, expressar sua opinião sobre os textos, contribuir com informações sobre o personagem ou estilo do autor ou sobre o vocabulário, desenvolvendo-se academicamente, literária e linguisticamente. Na verdade, a pesquisa de Burbank, Kauchak e Bates (2010), realizada com professores, mostrou que um clube do livro pode ser um mecanismo para a formação e desenvolvimento profissional de professores em formação e em exercício, bem como fornece elementos repensar a própria ação docente para torná-la mais democrática e deliberativa (Gardiner et al, 2013).

O estudo de Hill (2012) conclui que os clubes do livro podem ser um complemento às práticas habituais de leitura do currículo, facilitando as habilidades de escuta e fala, desenvolvendo diversas interpretações de textos e fazendo perguntas e respostas críticas sobre literatura. Para que assim seja, estudos têm levantado a relevância de se ter um professor-mediador ou facilitador de leitura com formação na temática (Shaw, 2013).

Além disso, a interação em grupo e a escuta dos colegas favorecem o envolvimento pessoal dos participantes, desenvolvem o sentimento de grupo e um clima mais estimulante em função dos alunos se sentirem ouvidos, conhecidos e respeitados, e do desenvolvimento de discussões que ajudam a conectar a literatura à vida (Gritter, 2011; Kent; Simpson, 2012).

Aproximando Universos: Tecnologia e Leitura em Rodas

Reunimos livros que ilustravam o tipo de presença das tecnologias que estávamos interessados em investigar, procurámos "vestígios" ou "pistas reveladoras de alguma regularidade significativa". Entendendo com isso que os critérios de interpretação não são moldes a serem aplicados mecanicamente, mas sim que de alguma forma é o objeto que define o procedimento de análise, definimos indutivamente eixos que ofereceriam uma chave de leitura do material.

Assim, estabelecemos quatro eixos para agrupar, interpretar e apresentar as obras, a saber: 1) histórias em que o elemento tecnológico é central no desenvolvimento da trama; 2) textos que contrastam a cultura digital e outros modelos culturais com intenção didática explícita em maior ou menor grau; 3) trabalhos que propõem uma forte intertextualidade com os códigos da linguagem digital ou com os jargões habituais nas redes e aplicações de comunicação; 4) livros-objetos que propõem interatividade análoga aos jogos na tela.

A seguir faremos uma descrição dos livros selecionados e classificados de acordo com os eixos propostos. Este passeio permitirá, por um lado, propor um mapa provisório da forma como a tecnologia é incorporada na literatura infanto-juvenil. Por outro lado, constituirá um ponto de partida para a reflexão teórica no campo literário e para futuros trabalhos de campo. Começaremos com um exemplo de histórias em que o elemento tecnológico é central no desenvolvimento da trama e cabem de modo produtivo em ações desenvolvidas no espaço escolar, mais precisamente em rodas de leitura.

O livro *Olá, Ruby: Uma aventura pela programação*, conta a história do mundo mágico de Ruby, uma garota cuja imaginação não tem limites. No universo dela, tudo é possível, desde que exista criatividade e determinação. Ruby vive uma emocionante aventura em busca de cinco cristais, onde, ao enfrentar diversos desafios, os leitores podem explorar os fundamentos da programação, a verdadeira alfabetização do século XXI. Cada capítulo se apresenta recheado de atividades especiais que podem transformar as crianças em grandes programadores e programadoras do futuro.

Outra importante obra, *Larga esse Celular! O livro infantil sobre o uso de tela - Uma ferramenta para lidar com a geração ansiosa*, trata de Ana, uma menina dotada de inteligência e curiosidade que, assim como muitas crianças, aprecia brincar com seu celular. Os integrantes de sua família exigem que ela reduza o tempo em que permanece focada na tela, sem perceber que, por sua vez, estão constantemente utilizando seus dispositivos. Eventualmente, todos precisam ir ao médico para tratar das consequências do uso excessivo dos celulares. Ao seguirem a orientação da doutora para afastar os aparelhos por um período, a família, especialmente Ana, descobre um novo universo cheio de cores e diversão: o mundo real. Trata-se de uma obra leve e divertida que aborda a questão do uso excessivo do celular e evidencia a importância de estar presente e atento em um cenário saturado de tecnologia.

Como apontamos, essas histórias não funcionariam se nelas não convergissem as seguintes variáveis: o elemento tecnológico, os costumes de uma sociedade hiper tecnológica (em ambas) e a intertextualidade com as histórias. Tanto os objetos tecnológicos (o tablet, o telefone, a internet, o Wi-Fi) como os costumes (procurar na internet respostas para situações práticas do quotidiano, tirar selfies) permitem, neste caso, criar uma história divertida que, ao mesmo tempo vez, provoca reflexão sobre as angústias decorrentes da interação com a tecnologia. Por um lado, a dependência da conectividade que leva o lobo a expor-se a perigos.

Por outro lado, a desconexão com o aqui e agora da paisagem e outros que a prioridade da autofotografia implica.

Se em vez de um telefone Ana tivesse uma enciclopédia de papel, ou se em vez de procurar a solução no Google ele se lembrasse dos conselhos de seus pais ou avós, não teríamos uma história. Se em vez de procurar buscar conhecimento sobre programação, Ruby procurasse outras coisas mais lúdicas para fazer, também não funcionaria exatamente da mesma forma. Já com Ana, sem seu celular, questões familiares não seriam expostas tão facilmente.

Por fim, no caso de Ruby, a referência às histórias tradicionais propõe um jogo em que o tradicional não é obsoleto, mas está perfeitamente integrado ao universo da conectividade, dos motores de busca e da programação. Assim, renovam-se personagens e histórias tradicionais, a partir de um vínculo inédito com elementos que transgridem o tempo distante original para situá-los no tempo atual, renovado, mas não transmutado.

Em *Heróis da Internet: a Ameaça de Patrono*, Italo Matheus possui a habilidade conhecida como Imaginação Alpha, uma forma de cognição que lhe permite modificar a programação do Mundo da Nuvem. Quando um software denominado Patrono sai do controle, aprisionando a maioria das crianças no universo virtual – incluindo seu irmão mais novo –, Italo é convocado para restaurar a ordem na internet e corrigir essa realidade alternada. Para essa tarefa, ele contará com o auxílio de um grupo singular: uma cadeirante especialista em artes marciais, um velocista asmático, um indivíduo de grande porte capaz de levantar toneladas e uma pessoa míope com uma precisão notável. Esses jovens, que à primeira vista parecem nerds desajeitados, transformam-se em verdadeiros heróis no Mundo da Nuvem. Mais pro fim da narrativa, eles precisaram aprender a cooperar para superar os desafios propostos por Patrono. Durante essa grandiosa aventura, Italo descobre que, apesar de suas diferenças, seus companheiros têm a capacidade de lhe ensinar muito mais do que ele inicialmente esperava.

O universo simbólico é capturado pela tecnologia, que o predetermina e limita, ainda que pareça oferecer infinitas possibilidades. Outro, que pode ser acompanhado, também num mundo ficcional, mas que se constrói a partir da própria imaginação. Nas ilustrações, a primeira forma de jogar é apresentada, aludindo à postura passiva diante das telas, reforçada pela inexpressividade de seus corpos e rostos. Por outro lado, as páginas nas quais outros personagens criam seus próprios mundos juntos são apresentadas em cores.

À medida que o livro avança, eles cobrem cada vez mais espaço do que uma página, exibindo um universo lúdico que convida a mergulhar nele e aumenta gradativamente o

contraste com o anterior. Desta forma, o trabalho destaca o caráter social, imaginativo e expressivo da brincadeira, que permite às crianças se aproximarem do seu ambiente e compreendê-lo melhor. Isto é contrastado com uma representação negativa do jogo nas telas, que isola.

Logo, a leitura nos meios eletrônicos é tematizada e contrastada com a leitura nos meios tradicionais. Embora o julgamento favorável pareça pender para este último, a cena mostra, em síntese, que ambos os leitores compartilham um interesse pela leitura, para além do efeito cômico causado pela incompreensão do meio. Sugere-se também que um mesmo leitor tenha a capacidade de migrar de um meio para outro, e ainda que o leitor digital pareça o mais adequado ao hibridismo e, portanto, à obtenção do melhor dos dois mundos.

O contraste colocado pelas obras incluídas neste eixo pode começar a desmantelar-se se pensarmos que os livros infantis são hipertextos há muito tempo. A ilustração passou a ocupar um lugar cada vez mais relevante e complexo: desde as páginas que se desdobram, aquelas que se desdobram com efeito tridimensional, as imagens que aparecem e desaparecem das tiras de papel que deslizam ou das janelas que se abrem, da incorporação de texturas, até sons que permitiram associar a leitura a outras formas de percepção sensorial, à proliferação de obras que, através de um código QR, ampliam seu conteúdo e, em muitos casos, o encaminham para o campo audiovisual, fizeram e fazem o livro infantil é um meio de comunicação sofisticado, dificilmente descartável numa cultura digital. Este último é um medo ou talvez um preconceito que está no centro de algumas obras que apresentam uma certa visão desconfiada das novas tecnologias de comunicação e entretenimento em relação à infância.

Considerações Finais

A literatura é criativa e por isso busca a novidade, embora não seja a novidade que corre o risco de se tornar obsoleta em menos de um piscar de olhos. As mudanças vertiginosas ocorridas nas últimas décadas em relação às tecnologias de comunicação e às formas de nos conectarmos com elas, nos dão pouco tempo para pensar e desenvolver histórias significativas que transcendam o verniz novo de uma incorporação ainda em constante mutação.

No mundo em que vivemos hoje, crianças e jovens são permeados por discursos e práticas típicos de uma era de supremacia tecnológica e informacional. Mesmo nos casos em que a lacuna tecnológica impede a experiência direta com os dispositivos, o espírito do

immediatismo, do visual e do efêmero permeia os modos de ser e estar no mundo. As tecnologias de comunicação ocupam um lugar importante na constituição da subjetividade de meninos e meninas, bem como nas representações da infância. Com isso, este estudo objetivou examinar as contribuições que as rodas de leitura podem proporcionar para o estímulo à leitura de obras infanto-juvenis na Educação Básica. Logo, evidenciou-se que, possivelmente, a literatura é um dos poucos redutos que pode optar por prescindir da tecnologia e continuar a sustentar a sua essência, sendo o trabalho nas rodas de leitura ou círculos literários um caminho para sua contínua existência.

No que diz respeito à literatura em si, além de possuir a tecnologia para sua divulgação, as histórias não exigem necessariamente a incorporação de tecnologia no nível temático, a própria obra literária pode ou não a incluir, e isso não se torna obsoleto. Neste caso, a literariedade não se altera em relação aos avanços tecnológicos enquanto outras esferas sofreram mudanças radicais apoiadas pela tecnologia, como a medicina ou o campo jurídico cujo alcance é diretamente afetado por essas inovações. A literatura, por outro lado, não exige necessariamente depender deles para sobreviver, nem para funcionar.

Nesse sentido, os parâmetros do mundo digital que buscam a precisão, o domínio ou uma aparente transparência da informação, a velocidade de troca nas comunicações e a simultaneidade, são dimensões que anulam aquelas que a literatura costuma privilegiar. A ambiguidade, a capacidade simbólica e/ou metafórica da linguagem e a plurisignificância são inerentes à literatura. A transgressão das leis e convenções pertencentes ao mundo real é o ingrediente necessário de uma interpretação do mundo que não é literal além da existência de formas de representação do mundo nas quais a literatura se baseia.

Talvez diante da fragmentação possamos pensar nas coisas conhecidas, e nas histórias que se referem a esses objetos, como capazes de preservar significado. Diante do evanescente, do fugaz, do vertiginoso que as tecnologias propõem, o livro como objeto se propõe como conservador das narrativas que dão densidade à vida. Talvez seja por isso que a invenção de mundos e as rupturas literárias da realidade não requerem tecnologia.

Assim como os livros em papel não desapareceram devido à proliferação das mídias digitais, a literatura infantil coexiste com filmes, YouTubers e jogos online. Não só coexiste com outros produtos culturais, mas mantém a sua própria identidade, mantém-se como uma fronteira indomada: território em constante conquista, nunca completamente conquistado, sempre em desenvolvimento, em permanente devir; por um lado, uma zona de troca entre o

interior e o exterior, mas também outra coisa: a única zona libertada. No nosso presente, permanecer como zona libertada implica a interação da literatura com as tecnologias como agentes não humanos.

Referências

- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 147-155, 2003.
- ÁLVAREZ, C.; Gutiérrez, R. Educar en valores a través de un club de lectura escolar: un estudio de caso. **Revista Complutense de Educación**, 24(2), 2013.
- ATWELL, N. **The reading zone**: how to help kids become skilled, passionate, habitual, critical readers. Nueva York: Scholastic, 2007.
- BARONE, D. Making meaning: Individual and group response within a book club structure. **Journal of Early Childhood Literacy**, 13(1), 2011.
- BEACH, R.; STEVEN Y. Practices of productive adult book clubs. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, 55(2), 2011.
- BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **A roda da leitura**: língua e literatura no jornal Proleitura. Unesp, 2004.
- BUI, T.; MACALISTER, J. Online extensive reading in an EFL context: Investigating reading fluency and perceptions. **Reading in a Foreign Language**, 33(1), 2021.
- BURBANK, M. D.; KAUCHAK, D.; BATES, A. J. Book clubs as professional development opportunities for preservice teacher candidates and practicing teachers: an exploratory study. **The new educator**, 6(1), 2010.
- CAETANO, Luís Miguel Dias. **Tecnologia e Educação**: quais os desafios? Educação UFSM, v. 40, n. 2, p. 295-309, 2015.
- CANTERO, F.J.; MENDOZA, A. "Conceptos básicos en Didáctica de la Lengua y la Literatura. En A. Mendoza (coord.). **Didáctica de la Lengua y la Literatura** (pp. 33-78). Madrid: Pearson, 2003.
- CARVALHO, Jaciara de Sá; MARQUES, Suzana Elisa Cunha; PELLON, Carolina Carvalho. Literatura sobre educação e tecnologia com referencial de Paulo Freire: um retrato e um recorte crítico. **Praxis educativa**, v. 16, 2021.
- CELIK, B. Effects of extensive reading on learners: How it develops certain points in vocabulary and sentence structure. **International Journal of English Linguistics**. 8(2): 73, 2017.
- CERRILLO, P. C. **Literatura Infantil y Juvenil y educación literaria**, 2010.

CORRÊA, Cintia Chung Marques; MENDONÇA, Monica Cruz Vieira; PEDRO, Vivian Ventura Tomé. Roda de leitura virtual: desafios e possibilidades para o letramento literário em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 4, p. 162-180, 2023.

COSTA, Anna Maria FM; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico. **Leitura e Literatura Infantil e Juvenil: (con)fluências**. Pimenta Cultural, 2022.

CÓZAR, R.; MOYA, M. D.; HERNÁNDEZ, J. A.; HERNÁNDEZ, J. R. TIC, Estilos de aprendizaje y competencia musical en los estudios de grado de maestro. **Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical**, 12, 2015.

DORNELLES, Kelly Mara Soares. A leitura literária de aula: um instrumento de empoderamento. **Literatura infantil y juvenil**, 2015, vol. 9, no 1, p. 85.

GARCIA, Pedro Benjamim. Literatura e Identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. **Educação Online**, n. 10, p. 99-112, 2012.

GARDINER, V., CUMMING-POTVIN, W.; HESTERMAN, S. Professional learning in a scaffolded 'multiliteracies book club': Transforming primary teacher participation. **Issues in Educational Research**, 23(3), 2013.

GIMENES, Roseli. **Literatura brasileira: do átomo ao bit**. Scortecci Editora, 2018.

GOATLEY, V. J.; BROCK, C. H.; RAPHAEL, T. E. Diverse learners participating in regular education "Book Clubs". **Reading Research Quarterly**, 30(3), 1995.

GRITTER, K. Promoting Lively Literature Discussion. **The Reading Teacher**, 64(6), 2011.

HAERAZI, H.; IRAWAN, L. A. The effectiveness of ECOLA technique to improve reading comprehension in relation to motivation and self-efficacy. **International Journal of Emerging Technologies in Learning (IJET)**. 15(01): 61-76, 2017.

HILL, K.D. Primary Students's Book Club Participation. **Language and Literacy**, 14(1), 2012.

JACOBIK, Fabiana Andréa Dias. Rodas de leitura na escola: construindo leitores críticos. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

JOHNSSON-SMARAGDI, U.; JÖNSSON, A. Book Reading in Leisure Time: Long-Term changes in young peoples' book reading habits. **Scandinavian Journal of Educational Research**, 50(5), 2006.

KENT, A.; SIMPSON, J. The power of literature: establishing and enhancing the young adolescent classroom community. **Reading Improvement**, 49(1), 2012.

KLINEBERG, L. **Introducción a la didáctica general**. Ediciones Revolucionarias, 1978.

KONG, A.; FITCH, E. Using book club to engage culturally and linguistically diverse learners in reading, writing, and talking about Books. **The Reading Teacher**, 56(4), 2003.

MCKOOL, S. S. Factors that influence the decision to read: an investigation of fifth grade students' out-of-school reading habits. **Reading improvement**, 44(3), 2007.

MCMAHON, S. I. Book Club: A Case Study of a Group of Fifth Graders as They Participate in a Literature-Based Reading Program. **Reading Research Quarterly**, 27(4), 1992.

OSZAKIEWSKI, Holly; SPELMAN, Maureen. The reading/writing workshop: An approach to improving literacy achievement and independent literacy habits. **Illinois Reading Council Journal**, v. 39, n. 2, 2011.

PETIT, Michèle. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. **São Paulo: Editora**, v. 34, p. 208, 2019.

PRADO, J. Didáctica de la lengua y la literatura para educar en el siglo XXI. Madrid: La Muralla, 2004.

REED, D. K.; VAUGHN, S. Retell as an Indicator of Reading Comprehension. **Scientific Studies of Reading**, 16(3), 2012.

SANTAELLA, Lucia. Hipermídia e transmídia: Linguagens do nosso tempo. **De Letra em Letra**, v. 3, n. 2, p. 9-33, 2016.

SANTOS, Sérgio Alves. Subjetividade ameaçada: a infância nos descaminhos da formação. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 10, n. 22, p. 577-599, 2020.

SHAW, D. M. Man's best friend as a reading facilitator. **The Reading Teacher**, 66(5), 2013.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **A experiência da leitura entre adolescentes: Rio de Janeiro e Barcelona**. Editora Appris, 2020.

VÁSQUEZ, M. A.; Montoya, M. S. Técnicas de evaluación de comprensión lectora en inglés con formación mediada por tecnologías para mejorar el rendimiento estudiantil universitario. **Revista Electrónica Calidad en la Educación Superior**. 8(1): 2017.

VILLAFUERTE, J. S.; INTRIAGO, E. y Romero, A. **e-Círculo Literario aplicado en la clase de inglés**. Una innovación educativa después del terremoto de 2016 en Ecuador, en Apertura, 2017.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

CHAVES, Sidney da Silva. Entre Voltas, Reviravoltas e Rodas de Leitura: Caminhos Possíveis para o Ensino de Literatura Infanto-Juvenil na Escola. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2025, vol.19, n.76, p.64-78, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 12/03/2025; Aceito 08/05/2025; Publicado em: 31/05/2025.